

AS MICRO HISTÓRIAS NAS ÁGUAS DO ZAMBEZE: UM PROJETO INTERDISCI- PLINAR EM *AS DUAS SOMBRAS DO RIO*, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Roberta Guimarães Franco
(Universidade Federal Fluminense)

RESUMO

Este trabalho, parte integrante do projeto de doutorado “Memórias em trânsito: descolamentos distópicos em três romances pós-coloniais”, orientado pela professora Laura Cavalcante Padilha, pretende apresentar uma leitura do romance inaugural do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, *As duas sombras do rio* (2003), atentando para a interdisciplinaridade presente na obra, fruto da profissão de historiador de Borges Coelho. Para tanto, pretendemos fazer algumas considerações sobre a relação entre Literatura e História, tendo como base as reinterpretações feitas a partir da Escola dos *Annales* (França, 1929) sobre esta última, bem como pensar a representação social de algumas personagens do romance como um reflexo da Micro História (Itália, 1981), ou seja, a presença de figuras que compõem um microcosmos do espaço moçambicano (a região do Zumbo) como formas de problematizar os dilemas da cisão no pós-independência do país.

PALAVRAS-CHAVE: João Paulo Borges Coelho; Literatura Comparada; Micro História.

ABSTRACT

This paper, part of the project “Memories in transit: dystopian displacements in three post-colonial novels”, guided by Professor Laura Cavalcante Padilha, intends to present one lecture of the first book wrote by the Mozambican João Paulo Borges Coelho, *As duas sombras do rio* (2003), focalizing the interdisciplinarity, associated at the fact that Borges Coelho have the History as his profession. For that, we intended to make some considerations about the relationship between Literature and History, thinking about the reinterpretations proposed by the *École des Annales* (France, 1929), and also think about the social representation of some characters as a reflex of the Micro History (Italy, 1981), in other words, the presence of figures that represents one microcosm of Mozambique (the Zumbo region) as a way to problematize the post-independence.

KEYWORDS: João Paulo Borges Coelho; Comparative Literature; Micro History.

A História Contemporânea é quase inevitavelmente uma História cruel, que fere, que faz sangrar, porque rema quase fatalmente contra a corrente da imagem que uma sociedade tem necessidade de construir acerca de si mesma para sobreviver.

(Pierra Nora, 1984, p. 53)

O momento imediatamente posterior às independências significou, para muitas colônias em África, a celebração da expulsão do outro (colonizador) e o fim de um longo processo de guerra, além da possibilidade de colocar em prática os projetos de nação sonhados há muito. No entanto, este momento de euforia durou pouco. Na maior parte desses espaços o que se seguiu foram conflitos duradouros e tão violentos quanto aqueles que levaram à independência, evidenciando que a existência da dualidade eu *versus* outro podia ser composta por pessoas de um mesmo território, transformando a euforia em desencanto, exigindo o repensar das ações e das ideias.

É evidente que estes conflitos pós-coloniais não são frutos unicamente de interesses e disputas internas. É sempre necessário destacar a forma como esses territórios foram criados (divididos), ainda no século XIX, sem respeitar divisões locais já existentes e unindo em mesmo espaço grupos divergentes. Ainda é preciso pensar que os modelos de colonização estavam baseados na lógica “dividir para reinar”, e esta cisão é deixada como herança para estes novos Estados. Sem esquecer, é claro, dos interesses externos e das novas formas de colonização que se apresentam no momento pós-independência.

Em Moçambique, ex-colônia de Portugal, independente em 1975, a realidade dos conflitos internos marcou sua terra e seu povo durante aproximadamente dezesseis anos (1976-1992), em uma disputa de poder protagonizada pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), movimento responsável pela independência, e pela RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana). Apesar da existência de uma constituição em 1990, que introduziu o sistema multipartidário no país, a guerra civil ainda durou mais dois anos e as primeiras eleições só aconteceram em 1994, quando a FRELIMO manteve o seu poder.

Nesse sentido, a epígrafe de Pierre Nora parece-nos extremamente pertinente. Apesar de pensarmos nos processos de colonização como formas de dominação violentas e cruéis, já que estão baseadas na opressão de uma das pontas do processo, a reflexão de Nora sobre a história contemporânea, quando aplicada ao contexto moçambicano (e não só), nos dá a exata noção da desilusão vivenciada após a independência. A imagem de liberdade, com os colonizadores a remarem de volta a Portugal, e de união, com a construção de uma nação moçambicana, não corresponde à imagem real, produzida pelo conflito civil, que dá mostras da multiplicidade que compõe a nação e dos novos enfrentamentos que se apresentam.

Em todo este contexto, desde o fomentar da guerra de independência, é indiscutível o papel desempenhado pela literatura diante da opressão, não só colonial, como também a exercida pelo Estado Novo de Salazar. Como afirma Patrick Chabal: “a moderna literatura é melhor entendida historicamente como uma das mais importantes formas de produção cultural através das quais um estado-nação pode ser identificado.” (CHABAL, 1994, p. 15). No entanto, é necessário lembrar que, antes da independência, não cabia a Moçambique a categoria de estado-nação, mas a sua produção literária, mesmo que incipiente e vigiada, já apresentava a força e o desejo da independência. Ainda segundo Chabal:

A partir do momento (cerca de 1960) em que o resto da África se tornou independente e a primeira acção nacionalista armada começou na África portuguesa, a publicação de qualquer literatura nacionalista foi prescrita, e os escritores encarcerados. O efeito foi de politizar o que até aí tinha sido nacionalismo cultural, ou seja, expressão da nova cultura africana em formas literárias modernas. A partir de então, uma significativa proporção de textos literários nacionalistas tornaram-se aberta e conscienciosamente políticos, interessados, sobretudo, com “a” mensagem política. (CHABAL, 1994, p. 33)

Desse modo, a literatura moçambicana (e de outras colônias portuguesas) passou a caminhar de maneira muito próxima aos acontecimentos relacionados à guerra de independência. Esta característica, o elo com o real, permaneceu no contexto pós-independência, ainda dando ênfase à disputa contra o colonizador, retratando o conflito civil, e evidenciando os desafios do presente. A literatura, no caso dos países que só conseguiram suas independências na segunda metade do século XX, servirá como meio de recuperar e recontar a história, antes escrita pelo colonizador. Assim, a literatura aliada à história proporciona a reafirmação e a reescrita de si.

João Paulo Borges Coelho, em entrevista à professora Rita Chaves, ressalta a dificuldade de acesso a documentação em um espaço onde a história ainda está a ser feita (no sentido de escrita), com as limitação de um momento pós-guerra:

O nosso caso é particularmente ilustrativo. Sendo o passado um poderoso factor de estruturação do presente, trinta e cinco anos depois da independência os arquivos documentais continuam fechados, inacessíveis, e a História demasiado refém das interferências do político e do ideológico. (CHAVES, 2009, p. 154-155)

Portanto, diante de um contexto no qual a pesquisa historiográfica se vê restringida, ainda por interesses diversos, e limitada pelos documentos, a utilização da literatura é uma forma de contar os fatos que marcaram a construção do país, além de poder denunciar, sob o véu da ficção, situação de dominação e descaso que ainda permanecem no pós-independência. À literatura, vista como arte e não como ciência, como é a

história, é permitido ir além, e a possibilidade de aliar-se a outros campos do saber (um dos focos da literatura comparada), proporciona uma leitura ainda mais problematizadora.

1. JOÃO PAULO BORGES COELHO – A ESCRITA LITERÁRIA COMO PROJETO INTERDISCIPLINAR

O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.

(Marc Bloch, 2001, p. 54)

O escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, após anos de pesquisas sobre a história contemporânea de Moçambique, especialmente os conflitos que levaram à independência e à guerra civil que se seguiu, decide dedicar-se também à escrita literária. Hoje, com oito anos de atividade como escritor, possui nove livros publicados, entre romances, novelas e contos. No entanto, o caminho percorrido por Borges Coelho não significa a negação da trajetória já construída. O escritor moçambicano lança-se em uma atividade interdisciplinar, estreitando as fronteiras, não só entre história e literatura, mas trazendo também a geografia, a sociologia, a antropologia, entre outras áreas das ciências humanas.

Em seu primeiro romance, *As duas sombras do rio*, publicado em 2003, o escritor já apresenta o que chamamos aqui de “projeto interdisciplinar”, e que aparecerá nas obras subsequentes. Não falo somente da relação entre a literatura e a história (que será abordada mais adiante), mas também do diálogo com a geografia, claramente marcado neste romance de estreia pela presença de um mapa, entre o índice e o primeiro capítulo. Apesar de não haver nenhuma referência, ao longo do texto narrativo, sobre o mapa apresentado em seu início, o leitor rapidamente percebe a sua importância, a geografia daquele espaço é essencial para compreender o cenário desenhado por Borges Coelho: a tríplice fronteira entre Moçambique, Zimbábue e Zâmbia.

Além dessas regiões fronteiriças, o escritor moçambicano dá destaque a uma fronteira interna, marcada pela presença do rio Zambeze, também importante personagem para a narrativa. É neste limite, entre o norte e o sul do país, que conhecemos a personagem Leónidas Ntsato, um pescador encontrado desacordado na pequena ilha de Cacessemo, no meio do rio Zambeze. Após o misterioso desmaio, Leónidas passa a alternar estados de letargia e momentos de delírios, fato que é diagnosticado da seguinte forma pelo feiticeiro Gomanhundo:

– O problema é muito grave. O teu marido está entre o norte e o sul – começou ele. – diz coisas com algum nexos mas que todas juntas não fazem sentido. Entre o norte e o sul. Por vezes revela a força do leão e fala como se fosse um

verdadeiro m'phondoro, com os olhos vermelhos a faiscar de cólera e toda a força da terra. Mas logo em seguida esse discurso de macho irreflectido do sul se acalma e ele torna-se sereno e azul como as águas profundas. Revela então uma grande sabedoria que á apanágio das mulheres e da grande cobra do norte. (COELHO, 2003, p. 36-37)

Cada vez mais o mapa se faz presente na narrativa. Não apenas aquele com linhas específicas e delimitadas, mas outro, mais profundo, invisível e constantemente presente; como salienta o geógrafo Cássio Hissa, “O limite insinua a presença da diferença e sugere a necessidade da separação” (HISSA, 2002, p. 19). Esta diferença apontada por Hissa, que causa agora o estranho estado de Leónidas, é fruto da herança colonial deixada pelos portugueses, que concentraram a sua colonização na parte sul de Moçambique, onde a ligação com a África do Sul tinha seus benefícios, e deixaram a parte norte esquecida. Como afirma Patrick Chabal:

As dificuldades em subjugar a resistência africana, o arrendamento de metade do Norte do país a companhias estrangeiras, e a obsessão pela África do Sul fizeram com que a integração de Moçambique como colónia fosse menos bem sucedida do que nas outras colónias portuguesas. O facto de a capital ser muito ao sul, e a cidade da Beira se encontrar mais voltada para Salisbury do que para a capital – e ambas as cidades estarem virtualmente cortadas do resto do país ao norte do Zambeze – teve profundas implicações no desenvolvimento cultural e social de Moçambique. De facto, o Norte e o Sul de Moçambique foram e permaneceram, durante o período colonial, dois «países» diferentes. (CHABAL, 1994, p. 27-28)

Esta situação avança no tempo e atinge o momento pós-colonial, retratado no romance como um momento da década de 80, quando o país está cindido pela guerra civil e a administração da FRELIMO dá continuidade à estrutura colonial de divisão norte-sul, concentrando sua atenção na parte sul de Moçambique. Desse modo, Leónidas representa a dualidade em que vive o país e a quebra do projeto de nação desenhado durante a guerra de independência, deixando clara a disforia em que vive o povo moçambicano.

Assim, o mapa de Borges Coelho traz em si marcas da história moçambicana, de seu passado e de seu presente, mas também coloca a região norte do país em destaque, seu esquecimento e seus dilemas. E, nesta geografia, outro fator merece destaque, o aparecimento da região como espaço literário, o que também acontece no seu livro de contos *Índicos Índicios I – Setentrião*, publicado em 2005. Como afirma Rita Chaves:

A variedade espacial num território particularizado pela pluralidade etnolinguística não significa efetivamente apenas diferenças nos aspectos físicos de cada região. A captação da diversidade de que o país é portador inscreve-se como uma espécie de compromisso que o escritor

assume com seu próprio projeto literário/intelectual. (...) [Projeto marcado] pelo desejo de empenhar a atividade literária no processo de integração nacional, investindo, portanto, na proposta que as forças políticas responsáveis pela independência defendiam mas não foram capazes de realizar. E talvez porque não tenham sabido compreender a dinâmica cultural com que se defrontou. (CHAVES, 2008, p. 190)

Este projeto literário que, na visão de Rita Chaves – visão da qual compartilhamos –, pode ultrapassar o político, tanto na sua intenção quanto na sua aplicação, significa visualizar o mapa de Moçambique como um todo, compreender o país que necessita de integração. No entanto, o romance ressalta que os conflitos ainda recentes marcam a visão de um todo fragmentado, fragmentação esta resultante de um longo processo colonial.

Desse modo, a geografia nos leva à história, e o seu alinhamento com a literatura nos chama a atenção em particular, afinal está é uma característica presente nas literaturas africanas de um modo geral, mas que se destaca neste romance, por ser a história o ofício principal de seu autor. E quando dizemos ofício, retomamos aqui a epígrafe de Marc Bloch, para lembrar que, no caso do escritor moçambicano, podemos encontrar não só as questões temáticas presentes em suas pesquisas historiográficas, como também métodos do historiador que são transpostos para as páginas da ficção. Como o próprio Borges Coelho afirma, em entrevista anteriormente citada, características de seu lado historiador visitam seus textos literários:

Certamente que haverá traços da actividade de historiador na minha prática literária: no talvez excessivo rigor na localização do espaço-tempo das tramas, nas estruturas causais das explicações etc. Todavia, não vejo a literatura como complemento do discurso histórico (“dizer pela ficção aquilo que a história não seria capaz de dizer”), longe disso! Pelo contrário, procurei a literatura como quem procura, não a complementaridade, mas o contraste. A história está sujeita ao paradigma da verdade, procura ser objectiva, ao passo que a literatura está mais próxima da imaginação e da intuição. (CHAVES, 2009, p. 153)

As palavras de Borges Coelho, que afirma não ter procurado a literatura como um complemento, mas como contraste, ainda ressaltam as distâncias entre as duas áreas, colocadas em oposição através da dicotomia verdade-ficção. No entanto, sabemos que as áreas têm um berço comum, baseado nas suas composições discursivas, elo que passa a ser rompido a partir do século XVIII, quando a distinção entre “fato” e “fantasia” começa a ganhar força, mesmo a historiografia ainda não sendo encarada como uma ciência do fato. Segundo Hayden White, a separação de fato ocorre no século XIX, quando a ficção passa a ser vista como o oposto da verdade e “a história, ciência realista por excelência, fosse contraposta à ficção como o estudo do real em oposição ao estudo do meramente imaginável” (WHITE, 2005, p. 47).

Passado o momento da história positivista, extremamente comprometida com a veracidade das fontes documentais, portanto oficiais, a segunda década no século XX apresenta uma nova face para a disciplina. O surgimento da Escola dos *Annales* em 1929, na França, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch – que nas palavras de Philippe Ariès estiveram “na origem do rejuvenescimento de uma ciência que se decompunha afogada em tédio” (ARIÈS, 1992, p. 232) –, mudaria os rumos daquela historiografia cientificista. Segundo Peter Burke, dentre as principais propostas do grupo estavam:

(...) a substituição da tradicional narrativa por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social e tantas outras. (BURKE, 1997, p. 11-12, grifo nosso.)

Tais diretrizes de mudança abriram espaço para uma relativização dos objetos analisados pela história, bem como proporcionaram uma ampliação do campo de atuação através da interdisciplinaridade. Diante dessa nova prática, reaproximar literatura e história, mantendo suas especificidades, acarreta novas possibilidades de leitura sobre fatos e acontecimentos, especialmente em contextos de guerra. Como já mostramos nas palavras de João Paulo Borges Coelho, a guerra e os interesses políticos e ideológicos dificultam o acesso aos documentos, e a literatura ganha espaço na representação do real. Aqui, lembramos Roger Chartier, para quem o conceito de “representação” é de extrema importância para os caminhos que a história (a nova história cultural) assume já na segunda metade do século XX: “O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita.” (CHARTIER, 2002, p. 63)

Portanto, temos em *As duas sombras do rio* a representação, majoritariamente, do tempo da guerra civil em Moçambique (ressaltamos que o narrador faz alguns recuos, chamando a atenção para a história colonial do país), em uma escrita posterior, comprometida com a memória desse tempo. No entanto, este não é o único diálogo entre a literatura e a história, já que algumas estratégias narrativas nos levam a pensar na presença constante da história como disciplina (como já foi assumido pelo autor).

Em diversos momentos do romance a voz do narrador parece colocar em dúvida a veracidade dos fatos narrados ou completar algum dado que esclareça a história. Para tanto, percebe-se a constante utilização de textos entre parênteses, a destacar a necessidade futura de testemunhas para um fato, “(este facto interessa na medida em que permitiu que os eventos seguintes tivessem testemunhas)” (COELHO, 2003, p. 31), ou até mesmo adiantar as consequências da guerra, “(Muito em breve não haverá sequer mecânico disponível, quando os invasores entrarem no Zumbo,

chegarem à loja de Dona Flor e ele se puser em fuga para parte incerta)” (COELHO, 2003, p. 74). Encontramos ainda frases (entre parênteses ou não) que situam o leitor no espaço-tempo da narrativa, como quando o narrador cita um canavial, estranho lugar onde viveriam os mortos mal enterrados, “(ainda há poucos dias aqui entrou um grupo em busca do próprio Ntsato, busca vã como agora se sabe, dado que ele estava na ilha de Cacessemo, com a face na areia)” (COELHO, 2003, p. 41), ou quando lembra a data (antes citada) da maldição prevista por Leónidas (os efeitos da guerra): “Hoje é madrugada do dia 16 de Outubro de 1985 e não nos esqueçamos que é o dia da execução do m’fiti (...)” (COELHO, 2003, p. 63).

Em outro momento, já imersos nos cenários de guerra, acompanhamos a evolução de um ataque, seguido de uma fuga em massa. A cena, narrada inicialmente com a ajuda da aproximação oferecida por um par de binóculos, acaba por preencher todo o quadro, evidenciando o avanço da guerra e a pouca possibilidade de salvação. No entanto, o narrador chama a atenção para o falsear da realidade vista através do aparelho, realidade parcial, pois sem cheiro e sem sons, e destaca a guerra como uma cruel realidade ampliada:

O comandante pediu uns binóculos e só então as coisas começaram a fazer sentido. Saltava para a esquerda e para a direita colhendo fragmentos, rostos apavorados, pessoas em movimento envoltas em silêncio. **Os binóculos têm esse estranho condão de falsificar a realidade, arrancando-lhe os sons e os cheiros que são o seu sal, emprestando-lhe uma nitidez que está muito para além da verdade.** Uma assepsia que nos afasta das coisas e nos desumaniza, como se fosse possível tal agitação coexistir com tão total silêncio. (...)

E os acontecimentos evoluem a ponto de dispensar os aparelhos de ampliação da realidade uma vez que esta se amplia por si própria, velozmente, a cada minuto que passa. É agora claro que um mar de gente está a entrar pelo Aruângua adentro em barcos, jangadas e troncos, e sobretudo a pé. É também claro, agora, que uma grande guerra se está a desencadear no Zumbo. (COELHO, 2003, p. 81-82, grifos nossos)

Ainda na sequência dos fatos, nosso narrador reflete agora sobre as interpretações e sobre os caminhos das notícias referentes à guerra, percursos insondáveis. Quantos saberão o que se passou na região do Zumbo? E o que aconteceu, de fato, naquelas fronteiras? Os caminhos percorridos pela população que foge da guerra são tão incertos quanto aqueles que serão atravessados pelas notícias:

Interpretados os acontecimentos, muita coisa há a fazer. (...) A notícia fará alguns caminhos, para os cantos dos jornais da capital zambiana, para a embaixada moçambicana, e dali para Maputo. E pouco mais, que são insondáveis os desígnios que globalizam as notícias (**quantas pequenas**

notícias se agigantam todos os dias, quantas grandes notícias como esta envelhecem discretas) (COELHO, 2003, p. 82-83, grifo nosso)

A proporção que ganham os fatos – se se agigantam ou se apenham, ou seja, se ganham visibilidade ou se desaparecem como se nunca tivessem acontecido – só o tempo é capaz de mostrar. No entanto, o narrador de João Paulo Borges Coelho parece estar atento a esta questão, tentando salvaguardar a memória daqueles que estão a ser, diariamente, massacrados pela guerra civil, empurrados para territórios desconhecidos ou sucumbindo aos ataques do conflito.

2. A MICRO HISTÓRIA E A SAÍDA DO SILÊNCIO – PERSONAGENS DO NORTE MOÇAMBICANO

Porque não há um só destino, há sempre um destino atrás do outro, todos os dias, sucedendo-se ou correndo como a água do rio, e a sucessão de todos os destinos principais e paralelos é a história.

(João Paulo Borges Coelho, 2003, p. 100)

A guerra civil retratada a partir das regiões fronteiriças do rio Zambeze, limiar entre o norte e o sul de Moçambique, no romance *As duas sombras do rio*, permite-nos conhecer personagens, criações literárias de João Paulo Borges Coelho, que poderiam fazer parte da história contemporânea do país. Ao ler o romance nos deparamos com a reunião desses destinos, os destinos dos refugiados, logo, menos os destinos principais, e mais os paralelos, aqueles que não costumam figurar nas páginas oficiais da história.

Assim, a seguir à revolução historiográfica ocorrida na França a partir de 1929, e das chamadas História das Mentalidades, História Cultural e Nova História Cultural (evoluções ocorridas até a década de 70), encontramos um novo cenário para o repensar das pesquisas relacionadas à história. É na Itália, também na década de 70, que começa a despontar uma nova vertente para a disciplina: a micro história. Tendo como texto emblemático a obra *O queijo e os vermes*, publicada em 1976, por Carlo Ginzburg, a novidade ganhará forma de “gênero historiográfico” (VAINFAS, 2002) com a coleção *Microstorie*, a partir de 1981, organizada por Ginzburg e Giovanni Levi. Ainda segundo Ronaldo Vainfas, a coleção é caracterizada pelo ecletismo temático, temporal e espacial de seus textos.

Assim, a Micro História busca, a partir de fatos, personagens ou eventos, observados em foco ampliado, compreender como o micro pode ajudar na compreensão de questões maiores, de âmbito mais generalizado. Não se trata, assim, de olhar o detalhe por si, mas de, através do específico, angariar novos elementos para compreender o todo. Para Carlo Ginzburg, em obra intitulada *Micro história e outras ensaios*, o estatuto de “fonte” em muito pode distorcer a realidade retratada pela História, dando destaque somente ao grandioso e escondendo os subalternos, colocando-os em posição de anonimato perante a história oficial:

Se as fontes silenciam e/ou distorcem sistematicamente a realidade social das classes subalternas, um documento que seja realmente excepcional (e, portanto, estatisticamente não frequente) pode ser muito mais revelador do que mil documentos estereotipados. Os casos marginais, como notou Kuhn, põem em causa o velho paradigma, e por isso mesmo ajudam a fundar um novo, mais articulado e mais rico. Quer dizer, funcionam como espias ou indícios de uma realidade oculta que a documentação, de um modo geral, não deixa transparecer. (GINZBURG, 1991, p. 177)

A Micro História cria um novo paradigma para a historiografia, que vai além dos reis e dos governadores, levando em consideração personagens consideradas até então secundárias, além de repensar a próprio documento, considerando outras fontes, como os relatos orais, como dados passíveis de uma análise historiográfica. Ainda segundo Ginzburg: “Por um lado movendo-se em uma escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável em outros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula” (GINZBURG, 1991, p. 177 -178)

A possibilidade de ler *As duas sombras do rio* a partir da perspectiva da Micro História pode ser entendida por ser o romance fruto de um trabalho de João Paulo Coelho, como historiador. Portanto, a região do Zumbo é, primeiramente, o local de investigação de Borges Coelho, para, *a posteriori*, se transformar em matéria literária. Como o próprio escritor revela:

Quando escrevi o primeiro livro fi-lo na sequência exactamente de uma experiência de trabalho, no Zumbo. Como eram tantas as história que me contavam, eu à noite tomava apontamentos de algumas coisas e subitamente comecei a escrever contos dispersos e subitamente comecei a ligar os episódios e acabou num romance. A partir daí ganhei a prática, não espero nenhuma inspiração para escrever e vou escrevendo e publicando os meus livros literários (COELHO, 08/2006)

A própria personagem de Leónidas Ntsato é bastante significativa para a interpretação baseada nos mecanismos da Micro História, pois o humilde pescador passa a ser representativo para a compreensão das ambiguidades em que vive o país. Assim, partimos de uma aldeia de pescadores e da história da construção de uma pequena almadia por Ntsato, para conhecer a fronteira norte-sul, geograficamente imposta pelo rio Zambese e historicamente construída pela colonização portuguesa e mantida pelo governo pós-independência. O próprio narrador nos chama a atenção para a microanálise da comunidade: “Até este dia foi Leónidas Ntsato um pescador. É preciso conhecê-lo para os poder ver como pequeno e coordenado exército que são pois à primeira vista agem em pequenas e delicadas manobras solitárias” (COELHO, 2003, p. 24).

Assim, como Leónidas, sua esposa nos serve de exemplo para uma leitura a partir da perspectiva do micro. Amina é uma das primeiras vítimas da guerra civil a ser apresentada no romance, pois teve que fugir de sua terra, Murunguja, pelo medo que os guerrilheiros causavam. Refugiada na região do Zumbo, Amina conhece Leónidas e o interesse mútuo leva os jovens ao casamento. No entanto, a situação de Amina é interpretada como uma exceção diante do contexto de guerra, e a sua sorte (afinal Leónidas ainda faz o pagamento do dote) leva o narrador a refletir sobre a maioria dos destinos das mulheres refugiadas:

Na verdade, tendo largado a sua terra em fuga para o Zumbo aonde chegara sem nada, nunca pensou poder vir a ter tanta sorte. Os refugiados não casam as filhas, apenas deixam de as controlar. Não têm estabilidade nem imponência social que permitam apoiá-las na altura do casamento. Anónimos, pobres, só lhes resta esperar pela fatídica notícia de que elas foram uma dia derrubadas por algum jovem fogoso, esperar que a barriga lhes cresça e finalmente amar um neto sem o poder manifestar, por ele ser fruto da vergonha. (COELHO, 2003, p. 21-22)

Outro exemplo, retirado do capítulo “A máquina de costura” e já utilizado em texto apresentado e publicado nos anais do “II Colóquio do LHES – Micro História e os caminhos da História Social”, realizado em 2008 na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), evidencia, de formas variadas, a presença da micro história em *As duas sombras do rio*. Neste capítulo conhecemos Amoda Xavier e Maria Isabel e podemos dizer que a história de sua união em algo se assemelha à de Leónidas e Amina.

Amoda, originalmente da região Tete, ao sul do Zambeze e mais próximo do litoral, passa a viajar desde muito jovem, movido pelo desejo de ver como o rio entra em Moçambique. Assim, atravessa a fronteira e passa a viver na Zâmbia, onde conhece Maria Isabel. Pretendendo casamento, Amoda deseja voltar a Tete para comunicar a possibilidade ao pai. No entanto, é impedido pelas notícias que chegam sobre a guerra. Para resolver os seus interesses junto à família da futura esposa, Amoda compra uma mãe adotiva e o casamento é realizado sem maiores problemas, já que Maria Isabel, viúva de um soldado e mãe de três filhas, dificilmente conseguiria casamento. Mais uma exceção, assim como Amina. Exceção que aponta para as muitas mulheres solitárias e para os órfãos gerados pela guerra.

Após um incêndio em sua casa na Zâmbia, Amoda decide atravessar a fronteira mais uma vez, e vai viver com a família na região de Bawa, ao sul do rio Zambeze. E aqui, chamamos a atenção para o comportamento da personagem (muito interessado em tecnologia), e a inserção de elementos de mudaram a vida da pequena comunidade. Primeiro, Amoda “(...) trouxe para casa um aparelho de cassetes de seis pilhas, verdadeiro fenómeno da tecnologia, redondo e brilhante, que alterou profundamente

os sons de Bawa (...). Bawa viveu então algumas semanas de ajuntamentos nocturnos e curiosas danças (...)" (COELHO, 2003, p. 120). Porém, Amoda acaba por se cansar do entra e sai em sua casa e dos gastos que o rádio causava. No entanto, os interesses de Amoda continuam, e ele só descansa novamente quando consegue comprar uma máquina de costura:

É certo que muita gente já vira máquinas de costura. Havia inclusivamente duas no Zumbo, da cooperativa. Mas nova e bonita como aquela, nunca. Além disso era a primeira vez que chegava a Bawa. Os ajuntamentos duraram pouco desta vez: a música, pela sua natureza, embala os ouvidos, faz mexer o corpo, solta a imaginação, chama muito mais que o ronronar monótono de uma máquina de costura em acção. Vista uma vez, revista mais duas ou três para certificar, perde os segredos e o encanto. (COELHO, 2003, p. 123)

A inserção dos dois elementos, o rádio e a máquina, alteram as vivências na região de Bawa, o primeiro pela possibilidade do sonho através do som, da dança, e o segundo pela sua beleza física, pelo que é capaz de produzir, as roupas feitas por Maria Isabel. Esta interferência só foi possível graças à presença visionária de Amoda Xavier, que dava atenção a um setor que para os outros só ganharia destaque após a chegada na região.

Porém, a guerra se faz mais forte e as ambições tecnológicas (e de vida) de Amoda Xavier também são interrompidas pelo conflito civil, "(...) porque num dia normal de Fevereiro de 1986, sem aviso prévio, vieram buscar Amoda Xavier para o serviço militar" (COELHO, 2003, p. 124). Desse modo, Amoda deixa de ser um visionário da região de Bawa, para se transformar em um soldado, peça moldada, igualada a tantas outras.

CONCLUSÃO

As pequenas personagens criadas (seleccionadas) por João Paulo Borges Coelho compõem um panorama histórico-literário de extrema importância para a problematização do processo de independência em Moçambique e, principalmente, dos momentos seus posteriores. Não é à toa que a região norte do país ganha destaque, evidenciando a manutenção da herança colonial que foi perpetuada pelo governo no pós-independência.

As duas sombras do rio coloca a região do Zumbo no mapa, sem esquecer suas personagens cotidianas, os pescadores, suas esposas, os eternos migrantes e refugiados de uma guerra fratricida. O rio Zambeze, também personagem, traz a sua longa história, acompanhando suas margens, por onde vários moçambicanos, assim como Leónidas Ntsato, passaram, muitas vezes coagidos pela colonização, como não nos deixa esquecer o narrador:

O Zambeze é uma larga e majestosa fita de prata que separa a terra do céu. Uma grande cobra que vem de Angola e corre para o mar, para o fim do mundo. Da boca dessa cobra gerações e gerações de antepassados se despediram

desta vida e penetraram nas brumas do além amarrados uns aos outros, e ainda bem, porque desta forma, muito juntos nos porões escuros dos barcos, ficava pouco espaço para os seus medos e terrores. (COELHO, 2003, p. 258)

Desse modo, através das páginas da literatura, o Zambeze e suas outras personagens entram para a história, talvez ainda de forma não oficial, mas demarcam um território que é seu. Território múltiplo que se quer uno, assim como Leónidas Ntsato, portador da cobra e do leão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*. Tradução: Miguel Serras Peireira. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP; 1997.

CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 2002, p. 29-67.

CHAVES, Rita. Notas sobre a Ficção e a História em João Paulo Borges Coelho. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula. *Moçambique: das palavras escritas*. Porto: Afrontamento, 2008, p. 187-198.

_____. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. Revista Via Atlântica, número 16. São Paulo: Via Atlântica, 2009, p. 151-166.

COELHO, João Paulo Borges. *As duas sombras do rio*. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

_____. *É através de Moçambique que eu vejo o mundo* (abril de 2006). Acesso em maio de 2007. Disponível em:

macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/joo_paulo_borges_coelho.doc

_____. *Entrevista* (agosto de 2006). Acesso em maio de 2007. Disponível em: macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/joo_paulo_borges_coelho_entrevista.doc

FRANCO, Roberta Guimarães. *As duas sombras do rio*, de João Paulo Borges Coelho: do trabalho do historiador à escrita do romance, as histórias dos refugiados de Moçambique. In: ALMEIDA, Carla Maria Carva-

lho; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; SOUZA, Sônia Maria de; FERNANDES, Cássio (orgs.). *Anais do II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social – Micro História e os caminhos da História Social*. Juiz de Fora: Clío Edições, 2008. Disponível em: www.lahes.ufjf.br

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Tradução: António Narino. Lisboa: Difel, 1991.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: LE GOFF, Jacques; LADURIE, Le Roy; DUBY, Georges e outros. *A nova história*. Trad. de Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 45-55.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. Trad. de Marina Santos. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a Europa – Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005, p. 43-61.